

Documentos

Documentos

Diversidade cultural e educação indígena & Diversidade cultural e a construção de alternativas de desenvolvimento

Apresentação

Durante o Seminário *Fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão o desafio da interculturalidade e da eqüidade* foram organizadas duas mesas redondas com a participação de professores índios de diferentes etnias. As mesas tiveram como título *Diversidade cultural e educação indígena* e *Diversidade cultural e a construção de alternativas de desenvolvimento*. Com esse espaço buscou-se promover uma maior interlocução entre os professores índios e os demais participantes, mas especialmente propiciar a troca das diferentes experiências vivenciadas por cada uma das etnias ali representadas. As falas e os debates foram extremamente ricos, mostrando a maturidade dos participantes em relação aos seus questionamentos e na busca de alternativas para a condução dos vários processos que envolvem a construção de uma escola indígena realmente diferenciada e capaz de atender a expectativas das comunidades onde estão inseridas. Os depoimentos trazem implícita a história de vida de cada um dos professores, mostrando o quanto ela foi definidora para apontar caminhos e propiciar o amadurecimento do seu papel enquanto professor. Infelizmente nem todas as falas foram gravadas, mas o material transcrito abaixo é representativo da riqueza da contribuição dos professores ao conjunto dos trabalhos promovidos ao longo do Seminário, mas principalmente da capacidade deles transformarem a escola em um instrumento importante de discussão e de fortalecimento de sua cultura. Nesse sentido, merecem destaque as reflexões de Wanderlei Cardoso e Rosenildo Barbosa de Carvalho.

O material transcrito foi revisado e organizado por Katyá Vietta.

Luciano Tserewarotawe¹

Boa tarde para todos os ouvintes. Sou Luciano, da etnia xavante, Mato Grosso, acadêmico da UCDB. Então, a primeira coisa, eu posso comentar com os ouvintes a experiência que a gente tá tendo na aldeia durante anos (...) Na minha tribo, a educação é a mesma que cada nação, é passada para os filhos. Eu também foi educado pelo meu pai. Então, a educação já vem dos nossos pais. Eu já freqüentei também essa dificuldade de aprender, porque a discussão é muito difícil sobre a educação indígena desses tempos atuais. Eu queria mostrar um material didática que a gente fez com a ajuda dos salesianos, durante muitos anos. A primeira tentativa dos monitores, vamos dizer assim dos monitores, antigamente não era professor, então começaram a fazer o processo, fazer um material didática, alfabetizar o aluno xavante. Então começaram a se reunir juntamente com os salesianos (...) e começaram a surgir uma cartilha. Esse é o primeiro passo que a gente fez, que os nossos monitores fizeram, junto com os salesianos. Com isso nossos alunos já foi alunos dessa cartilha. Eu já estudei com nossa própria língua mesmo. Não podemos esquecer a nossa língua, a nossa língua é principal pra nós, em juntamente com a cultura (...) Eu estudei com essa cartilha. No começo foi difícil aprender a ler, para isso surgiu essa cartilha, primeiro passo para nosso aluno. Então para facilitar o aprendizagem pra nós, facilitar e aprender outras línguas. Primeira coisa tem que aprender a ler a nossa língua por escrita, então, isso que eu aprendi. Mas para eu aprender outra língua, a segunda língua, por exemplo, o português foi muito difícil. Foi uma luta pra eu aprender a ler e escrever e falar também. Então para isso começou esse material didática (...) então, com isso facilitou a nossa aprendizagem. Daí surgiu outras idéias, com os monitores e com os salesianos também, pra produzir o livro, o conto, a história antiga pra nós, pros monitores contar a história, pra nós aprender também o antigo, a história. Então para isso os salesianos fizeram o livro (...) Então esses três livros são da histórias antigas dos nossos antepassado. Foi contato pelos nossos bisavós para os nossos pais e contados para nós. Não é por escrito, é contado oralmente. O nosso não tem escrito, mas o livro é dos velhos, da cabeça dos velhos, por isso através de nós aprendemos a viver. Primeira coisa a nossa cultura é a língua. Pra facilitar o passo e aprender a falar português, surgiu outra idéia, fazer dicionário. Começou a fazer dicionário, tudo traduzido português/xavante. Por isso facilitou o nosso entendimento

¹ Xavante, aldeia Sangradouro-MT, acadêmico do Curso Formação de Professores/UCDB.

dentro da sala de aula. Isso eu também já freqüentei dentro de sala de aula, eu fui aluno também com todos esse material didática que temos aqui na mesa. Fizeram português/xavante, dicionário, e daí outro, saiu também xavante/português. Com isso nós trabalhamos durante anos para aprender a falar. Depois, eu foi estudando e me formei também em magistério. Aí dei aula para os alunos também, foi quatro anos de professor, eu trabalhei na área de professor. Daí começou também a gramática xavante, isso para o ginásio, para a quinta a oitava. Por isso facilitou o entendimento dos alunos para estudar. Aqui tem tudo: fonética, morfologia, pra gente dar aula para os alunos. Aí eu dei com esse material para os alunos lê, então, por isso eu tô levando os alunos no entendimento. Então facilitou essa nossa experiência durante quatro anos que trabalhei na área de professor. Aí vem outra, muitos livros saíram, o conto do antigo, há uma elaboração da história xavante também, isso é na história indígena. E tem mais outro, saiu segunda história xavante. Aí quando nós estudamos no magistério, aí criamos um livro para primeira à quarta. Com o esforço do magistério saiu para a primeira a quarta os livros de matemática, português e ciências. Isso aí foi elaborado pelos salesianos também, o nosso irmão Pe. Jorge Lachnitt, tá nos ouvindo. E também a literatura infantil, que a professora Rosadélia, da UCDB, que nos deu a formação na aldeia. Aí nós elaboramos a literatura infantil, para as crianças. As crianças também gostam de ler, gosta de ouvir a história, o conto, a lenda, gosta! Então nós elaboramos esse livro. Tudo isso é uma luta nossa, é uma experiência que a gente tentou há muitos anos na nossa tribo xavante. Daí veio mais o conto, para ouvir a história, a realidade. Os velhos passam para os professores contar a história antiga, para não esquecer do antepassado, dos passado. Tem que aprender também o que os nossos antepassado já passaram para nós. Então, essa história foi gravado no K7, o conto dos velhos. Então isso é uma grande experiência nossa, juntamente com os salesianos. Graças a Deus que os salesianos nos orientou, iluminou nosso caminho para a educação. Então isso é um material didática na aldeia, que a gente elaborou. Cada um tem a educação numa etnia, nas outra etnia a educação é diferente, mas o nosso é outra, também. Então essa é a grande experiência. Essa questão da educação indígena é muito discutido, não é de uma etnia, mas de várias etnias. (...) Então eu quero finalizar com essa nossa experiência passando para o meu colega para complementar essa experiência nossa. Muito obrigado!

Fortunato Sereme'wa²

Eu agradeço aos pesquisadores que tavam aqui e outra que é do outro Estado, boa tarde! Então, só vou fazer complementação que o meu colega fez, por que somos da mesma área, da mesma aldeia. (...) Com respeito do calendário escolar, dentro da escola nossa, se tiver a festa, a caça, vai constar como o dia letivo. Por exemplo, alguns fala que o dia letivo só consta dentro da sala de aula. Isso tá errado pra nós, porque se fosse da sociedade branca, pode existir esse dia letivo só dentro da sala de aula, mas pra nós não importa, porque se tiver a festa, a dança durante o dia letivo vai constar como dia letivo, porque a criança que participa na festa, na dança, tá aprendendo junto com os velhos, junto com os professores. Isso é a minha idéia que estou dando, essa é minha proposta que estou dando, dentro do calendário escolar na nossa aldeia. E, além disso, a comunidade participa para construir essa escola. Só os professores que participa, também a comunidade, para elaborar a proposta pedagógica. A comunidade, os pais dos alunos participa e a coordenadoria também participa, pra essa elaboração da proposta pedagógica. E, funcionamento da escola dentro da nossa aldeia, a minha consideração é assim: os alunos que traz a sabedoria dentro de casa para a escola. Porque o professor, o aluno pode discutir dentro da sala de aula o que está aprendendo em casa junto com os pais, porque isso para facilitar a sabedoria e a inteligência que o professor tá passando e, ao mesmo tempo os alunos passa para os professores, pra si compreender dentro da sala de aula sobre a inteligência. Então, além disso, também, o professor não estão, assim, seguindo o currículo da Secretaria da Educação de Mato Grosso, de Cuiabá. Isso nós tamos seguindo o currículo porque se nós seguimos o currículo que tá na proposta da Secretaria não vai dar certo. Por que os professores que vai seguir, os alunos não vai entender o que está dentro da sala de aula. Por isso que tem que partir da realidade para a nossa vida, por exemplo, do nosso costume. Isso pode transmitir dentro da sala de aula pra não esquecer a nossa língua, isso é a mais importante, primeiramente a nossa língua pra não esquecer. E sobre o meio ambiente (...) dentro do meio ambiente tem ervas medicinais para que nós possam não perder essa erva medicinais. Então, isso dentro do meio ambiente, por termos preservado para não perder o remédio tradicional (...) Nós temos que preservar o meio ambiente para não destruir, por exemplo, no Amazonas alguns índios tá sofrendo, porque o madeireiro tá entrando e o garimpeiro. E, além disso, tá saindo a doença, a contaminação para os

²Xavante, aldeia Sangradouro-MT, acadêmico do Curso Formação de Professores/UCDB.

índios, por isso os índios tá diminuindo, por causa dessa doença. Então, eu deixaria uma pergunta: qual é a língua oficial? Isso que me preocupa sempre, por que para outra sociedade a nossa língua é estrangeira, para mim não é. A língua estrangeira é a língua que fala português, por que antes disso, antes do descobrimento do Brasil quem morava aqui no Brasil? É o índio nativo, por isso tem que considerar a nossa língua como oficial, não dizer assim a língua estrangeira. A língua estrangeira é a língua portuguesa por que os portugueses invadiram o Brasil.

Wanderlei Cardoso³

Uma boa tarde! Bom, eu vou dar um comentário sobre o processo de educação, como eu vejo isso, a educação escolar dentro da área Terena em geral. Vou tentar dar uma conjuntura nisso, como que se deu. Eu morava na aldeia, e aí me faz lembrar, quando aos quatro anos já fui pro pré. Lá tem pré, aliás, tem educação básica hoje, né. Mas na época tinha o pré, e aos quatro anos fui pro pré. Aí me lembro que o Wilmar D'Angeles, e eu gostei desta comparação que ele fez, que a escola que a educação escolar, né. O Wilmar é da Unicamp. Ele diz que é como se fosse uma grande locomotiva. Então os vagões tá na aldeia. E aí palavra fronteira, nós estamos na fronteira. Então no centro tá aldeia né. O vagão tá na aldeia, mas a locomotiva tá fora dela ou tá no município, ou alguma outra esfera ou sistema de educação. Nós só estávamos com o vagão. Eu me lembro que ali tava uma fronteira então estabelecida no centro da aldeia. Barulho da kombi dos professores chegando, eu corria pelo trieiro para chegar na escola, fazer fila, cantar o hino nacional: *"Deitado eternamente em berço esplêndido"*, e depois: *"ou deixar a pátria livre ou morrer pelo Brasil"*. Era a coisa que eu mais gostava, e tinha um Terena que ficava na minha fila, né, assim da quarta série. E eu começando, né. Como eu gostava de escutar como ele erguia a voz: *"ou deixar a pátria livre ou morrer pelo Brasil"*. Então todas essas estruturas foram chegando e a fronteira estava estabelecida já ali, né, da exclusão. E excluindo de fato muitas pessoas, né, ia selecionando. Cada vez tereninhas iam chegando, indo até certo ponto e desistindo e saindo. Por que apesar desse vagão tá ali dentro, né. Ali era fronteira, e aquele mundo então era totalmente diferente ao povo Terena de Limão Verde. E assim se foi, e eu acho essa é história da maioria das aldeias e não todas. Tudo bem, quem sobreviveu a esse primeiro choque começou a teimar em seguir esse

³ Terena, aldeia Limão Verde-MS, Bacharel em História/UCDB, mestrando em Desenvolvimento Local/UCDB.

caminho da educação escolar. O que era então oferecido até a quarta série como regra e como lei, nas aldeias indígenas terena, agora começava a se expandir a fim de ter lá o ensino fundamental. E foi gradativamente tendo o ensino fundamental, hoje se tem a educação básica. E com ela chegando a educação escolar indígena, chegando a essa discussão a partir da Constituição, da mobilização das organizações indígenas em nível nacional pra Constituição de 88. A discussão também chega nas aldeias terena. E a valorização da língua, direitos próprios de aprendizagem. A primeira discussão que se tem, então, é formar professores da própria etnia. Eu me lembro que uma colega, professora não-índia de Aquidauana, ela dava aula na aldeia Bananal, que é uma aldeia aonde se fala o terena, que tem como língua materna de fato usual, no cotidiano. Então ela diz assim: Wanderlei, você faz parte dessa discussão da educação escolar indígena. Eu falei, eu pensei assim: até que ponto, como que eu vou responder, né? Porque alguns tratam o Terena até como traíçoeiro. Já ouvi gente falar que a gente é traíçoeiro, né. O Roberto Cardoso ele disse que, quando ele visitou o Bananal, fez trabalho no Bananal, ele percebia que as Terena sabiam o que que ele tava perguntando, mas elas fingiam em não entender, que elas sabiam o português. Então ficava só falando o Terena e tal, e fingiam não saber, segundo ele né. Mas acho que é um mecanismo de defesa, não é traição não. Afinal, a gente foi esfoleado muito tempo, eu acho que tem que sobreviver. Mas enfim, eu respondi pra ela, fiquei assim pensativo e respondi: sim eu faço parte, eu sou adepto a essa discussão feita por aí. E para a minha surpresa, ela não reclamou. Porque então já tinha uma reclamação: Ah! Só os índios que querem dar aula nas aldeia e tal, né, dos professores não-índios. Ela disse não sabe, é a melhor coisa que vocês fazem, por que eu lá no Bananal eu sinto que mais atrapalho do que ajudo as crianças na alfabetização. Em função da língua e tal, eu não consigo produzir trabalho lá. Aí se começou então a formular programas de formação de professores Terena. E hoje podemos dizer que, pra demanda do ensino fundamental, a gente tem já professores habilitados em todas as aldeias praticamente. Esse foi então um primeiro caminho pra discussão da concretização da educação escolar indígena. A partir daí então, com os professores índios, né, e tem um programa que, aliás, foi apresentado ontem *Raízes do saber de Aquidauana*, que foi um dos pioneiros, que mudou números desastrosos da educação, da repetência, da evasão escolar nas aldeias Bananal, Lagoinha e Água Branca, para números agora favoráveis no objetivo da escola, na educação escolar. Porque agora o *Raízes do saber*, o projeto, que trabalha a língua Terena a partir da alfabetização. No Limão [Verde] hoje se trabalha no sentido de ter um avivamento. Pelo menos essa é a expressão que o professor Noel, há duas semanas, lá em Miranda, no nosso encontro

Terena, que resgate não pega bem, achou melhor avivamento, até a gente se concenssuar uma palavra vamos usar essa. Então no Limão como predominantemente não se fala, não é usual, isso não pode então ser tratado como língua materna, mas um avivamento da língua, afinal de contas ela existe e é necessária. Então tem o projeto *Raízes do saber* que trabalha nas aldeias de Aquidauana, onde se faz necessário e se pode fazer alfabetização em língua materna terena. Já produção de trabalho, de cartilhas também nesse sentido. E com isso se puxou outras discussões. Não só a questão da educação, mas o professor, ele na verdade ser alguém consciente de que ele tá ali como integrante do Terena, diferente daquele que vinha pra dar aula. E às vezes vinha até pessoas castigadas pela Secretaria do Município: Ah, se encontrar esse professor manda ele lá pra aldeia. Ali agora não, agora ele é integrante dali, ele tem um compromisso com o seu lugar, consigo próprio. E, temas como o meio ambiente, demarcação de terras, foram, agora, cotidiano da escola. A ponto da Associação *Aiteca* de Cachoeirinha, né, já elaborou a cartilha, e chamou os professores pra capacitação. A cartilha tem o nome *Terra do Cerrado*, onde essa preocupação da Associação de Produtores trabalhar já a consciência ecológica, do meio ambiente, que já caminhava por um caminho de degradação. A educação superior, e com isso a gente já começava a pensar: nós Terena, nas aldeias, a gente tá exatamente na fronteira, é o cotidiano do entorno diretamente ali convivendo conosco. Quando eu era criança, havia na terça e na sexta o caminhão que levava os produtos pra Aquidauana. Hoje todo dia tem ônibus levando as mercadorias, todo dia, de segunda a sábado, só domingo que não. Então veja que os valores do entorno. O modo de viver do entorno tá ao nosso redor no dia-a-dia. E foi preciso que nós então usássemos a escola como instrumento de garantir a nossa própria identidade, a nossa sobrevivência enquanto Terena, mas sabendo e não tendo condições de fugir das influências do entorno. E daí a gente partiu pra educação superior, que foi uma coisa que já começava a nos ameaçar enquanto professor. Aí você, mas esse Terena, é, esses Terena são um, né! Até fui criticado quando eu falei que estava cursando curso superior, num encontro desses aí: Ah! Mas o índio precisa de curso superior? Vai se colocar no meu lugar, né! Dando aula no ensino médio e a LDB pedindo pra que eu habilitasse em nível superior. Há, mas o índio tem legislação própria. Então tá, tem um concurso lá em Aquidauana se eu tivesse feito curso superior eu não ia fazer um concurso pra dar aula em nível médio e complementação. Então, a gente tem bem claro a realidade. Não que a gente de fato não faça a discussão do diferenciado e do específico, mas a gente tem uma realidade que, talvez por isso, a gente tem essa característica de que a gente tem que conciliar todo esse mundo globalizado, mas sem perder as nossas

noções, essa unidade psicológica e social que nos une enquanto Terena. E daí você vai ver Terena lá em Dourados né, lá em São Paulo, em Bauru e agora em Rondonópolis, mas é Terena. E você tem Terena hoje na UEMS, na UCDB, na UNIDERP, nas Universidades Federais, mas são Terena, e que bom que seja, né! O Claudionor, que já foi em Costa Rica, voltou, é Terena, continua em Nioaque, continua trabalhando nesse sentido, com essa visão. Então, é assim que nós encaramos a educação. E já pra concluir, então o Terena teve a escola como fronteira no meio de sua área e quer agora, em situação inevitável de contato com o entorno, usar essa escola no interesse de sua comunidade. Os professores indígenas, com discussões pertinentes na aldeia, como meio ambiente, demarcação de terra e direitos indígenas. No ensino médio, inclusive, nós temos uma disciplina que é *Assuntos Indígenas*, que é pra tratar toda essa questão que tá em debate em nível nacional e nível local com respeito à questão indígena. E é um professor indígena que trabalha essa questão. Então isso, como Wanderléia defendeu a tese de mestrado, não significa ruptura em nenhum momento. A gente então vai ser sempre a nossa sala de estar, entre aspas, sala de estar, enquanto o Terena vai ser um pé de manga. E curioso é que, aqui no meu *apartamento* em Campo Grande, que eu tô atualmente, tem um pé de manga bem na porta. Na casa da minha mãe tem um pé de manga, na casa do meu pai, são separados, também tem um pé de manga. Então, de fato, eu acho que por muito tempo o pé de manga vai existir, por muito tempo o Terena também vai existir com certeza. Isso sendo compreensivo ou não da comunidade externa, né: como que o Terena sobrevive, como que agora ele tá se multiplicando de novo, depois de ter um número baixo, agora começa de novo a crescer demograficamente. Eu quero encerrar com a frase de Leon Tolstoi que eu peguei numa revista, diz assim: “*Eu vejo o mundo pelos olhos de minha aldeia*”. Muito obrigado!

Francelina da Silva⁴

Boa tarde a todos e a todas. Eu sou a professora Francelina, da etnia Terena; sou coordenadora pedagógica da escola Tengatui Marangatu, na Reserva Indígena de Dourados. A nossa escola possui 1.300 alunos, de primeira a quarta série e educação infantil também. Nós temos lá 51 professores, sendo 11 não-índios, e nossos alunos são das etnias Terena, Guarani e Kaiowá. Observando aqui as pessoas

⁴ Terena, Reserva de Dourados-MS. Pedagoga/UFMS. Coordenadora pedagógica da escola Tengatui Marangatu.

colocando as suas realidades, eu vejo que lá nós temos uma realidade muito complexa. A escola atende essas três etnias, às vezes, nós temos essas três etnias dentro de uma sala só. E nas outras aldeias, pelo que eu vejo aqui, é uma etnia só. Então eu acho muito complicado o nosso trabalho lá. Mas nós temos também lá o ensino na língua, que é chamado de ensino diferenciado, que começou em 99 (...) Esse trabalho é coordenado por uma professora indígena, a professora Edna, que também está aqui no encontro (...) Nós temos também lá o ensino ministrado na língua, e também pra quem não fala a língua é ministrado em português. Em relação à etnia Terena nós ainda não temos um projeto, assim, bem elaborado pra atender essa necessidade da etnia, que eu vejo que é muito importante e somente agora que tá surgindo mais essa reflexão entre os professores dessa etnia, essa preocupação em relação à nossa cultura. Porque eu acho também que nós temos que ter um projeto que trabalhe sobre o que faz, sobre a nossa cultura, como já começou lá da etnia Kaiowá Guarani, e eu acho que também é uma necessidade do nosso povo Terena. Mas mesmo assim, a escola vem trabalhando, nós incluímos isso no nosso planejamento. A gente vem desde de três, dois anos, até agora, já trabalhando um pouco nisso. Nós chamamos pessoas da comunidade, as pessoas mais velhas que têm conhecimento da cultura, pra dar palestra para os nossos alunos. Eu acho que é importante, porque como nós somos lá três etnias, então ele vem, ele dá a palestra pra todos os alunos. Acho que todos nós temos que respeitar a cultura do outro e valorizar. Começando lá pela nossa aldeia, por que nós somos três etnias, então eu acho que nós temos que conhecer, respeitar, valorizar a cultura um do outro. Então esse trabalho a gente tá começando lá na escola. E eu vejo nessa pessoa, que a gente sempre chama lá pra trabalhar com a gente, que ele tem um orgulho, eu vejo, que ele se sente tão valorizado quando a gente vai na casa dele e convida pra dar essa palestra pros nossos alunos. Então, sempre eu vou na casa dele, eu também fico lá muito tempo conversando com ele. Pra mim ele é um livro de conhecimento, porque eu aprendo muito com ele. Então em relação à etnia Terena esse trabalho que a gente vem fazendo, mas nós já estamos discutindo e queremos aprofundar mais isso, de fazer um projeto que possa realmente ser muito bom pra nós, e atender essa necessidade. Bom, eu não marquei nada pra falar, o pessoal me pegou um pouco de surpresa, mas é basicamente isso. Eu agradeço a oportunidade, muito obrigada.

Miro da Silva⁵

Bom, gostaria de dizer uma palavra em guarani, por que eu adoro falar a minha língua. Pedi pra vocês que *ñande karu ñande kuera*, quer dizer uma boa tarde pra vocês todos. Hoje eu tava com vontade de falar, busquei muito tema aqui pra falar e escutar aqui, que tá o meu parente Guarani Kaiowá. (...) Minha experiência da educação indígena, a gente tá vendo desde o começo, por que até eu mesmo já vi meu parente aqui do Mato Grosso falando que alguma pessoa já perdeu a língua guarani, que não era pra perder. Mas até comigo quase aconteceu isso mesmo. Eu estudei em escolas não-índio, também, em Rio Grande do Sul, lá em Porto Alegre. Estudei até a sétima. Depois eu falei não quero mais voltar pra aldeia, quero ficar na cidade. A professora também já tava dando todo apoio para ficar na cidade, quase fiquei pra cidade. Se fosse ficar pra mim é ruim. Até hoje acho que vivi até [como] pessoa branco, quer dizer, não vou falar por que sou índio. Mas eu não aceitei, voltei pra aldeia de novo. Eu entrei em contato com o meu pai de novo. Perguntei pro meu pai, aí, meu pai: você é índio, você não pode ir pra cidade. Até hoje eu lembro desse estudo que estudei na escola do não-índio, na cidade, até agora não aproveitei quase nada. Por que aquelas coisas que estudei, joguei tudo fora, por que não prestava quase nada. Agora eu tô vendo que não prestava não, a escola que estudei, de não-índio. Então, por isso que a gente fala muito lá no Estado do Rio. A gente faz reunião sobre essa questão, porque a gente tá vendo como é que era o nosso antigamente. Por que até não era pra ter escola agora, por que antigamente era nosso bisavó. Até meu pai, meu pai 82 anos, e sempre fala pra mim que antigamente não existia escola. Existia, assim, falando que levava as crianças, levava a mulher pra roça plantar, traz o milho, faz um bolo de milho, planta batata, planta milho. Os homens levam no mato pra caçar, pra fazer armadilha, explicava o bicho que mês a gente não mata, que mês que a gente pode matar o bichinho, e tudo isso falava antigamente pras pras crianças. Então não existia escola, antigamente. (...) Agora, já existiu a escola na nossa aldeia, mas, não é pra gente dá, assim, direto sobre a língua português. Lá no Estado do Rio, a gente trabalha por tema: história guarani, matemática guarani. Pesquisa, assim, tudo a gente pesquisa em guarani, agora, já na escola, mas tudo no guarani, não no português. Então, agora eu vou falar, tema que eu escrevi, porque aonde eu moro a aldeia é muito difícil também, aonde eu moro lá. (...) Eu vou ler aqui o tema que escrevi. Desafio, tema diversidade cultural: primeiro

⁵ Mbyá, aldeia Araponga-RJ, professor.

desafio, acesso difícil aonde mora, sem estradas, duas horas a pé caminhando, de vez em quando duas e meia, três hora; ausência de escola; dificuldade para vender artesanato; perde memória em guarani. Até no Rio pra nós é muito importante, no Estado do Rio, perde memória guarani. Por que nós vemos que a gente entra muito em contato com os brancos, talvez entrar em contato com os mais velhos nosso da aldeia, mais velho nosso, nosso pai, nossa vó, às vezes fazer pergunta, a gente entra mais em contato com o branco. Até eu escrevi essa parte, porque até pra mim mesmo foi assim, porque no tempo que estudava na escola [de] branco. (...) Então por isso que escrevi, perde memória guarani, porque eu não quero perder a língua guarani, como meu parente falou ontem, acho que Bororo, que ele vai viver Bororo e ele vai morrer Bororo. Tá certo é assim mesmo, pra que a gente vai perder a nossa língua. Não existe perder a nossa língua, mas por que? Isso que não entende. (...) Lá a gente conversa muito sobre isso, pras crianças pequenininha a gente já ensina pra não perder a memória, a gente fala. E, aliás, eu comecei, assim, pra dar aula em aldeia desde 97. Muito ensinando criança de língua pra não perder, pra não acontecer igual eu quase aconteceu, que deixei quase a minha língua, a minha memória. Mas graças a Deus que eu não perdi, até agora eu tô vivendo na aldeia, graças a Deus. Então, a gente agora já fala sobre história, como é que a gente vivia, até hoje tem que vive assim na aldeia. Até agora não tô agüentando mais, assim, sem falar a minha língua, por que já tô fora aqui mais de quatro dias, tô fazendo aqui sem falar a minha língua, então tô aqui, já tô querendo ir já voando, assim, tô querendo aldeia. Eu não vivi assim, então já não agüento mais, assim, viver no meio dos brancos, por que eu gosto de viver na aldeia. Eu gosto de falar minha língua, eu gosto de caçar, eu gosto de pescar, eu gosto de ver bichinho, gosto de trabalhar na roça. Então tudo isso acontece, então tô com vontade até de ir embora, tô com saudade da aldeia já. A segunda solução: produção do CD, (...) já tem CD gravado em Guarani, traduzido também português, já tem lá em Parati; Projeto Museu, para venda de artesanato (...); formação, projeto livro didático, tempo guarani, a gente tá começando fazer agora também livros guarani pra gente ensinar o mais pequeno, que tá nascendo, depois vai crescendo e já vai estudar este livro. Então esse livro também a gente discuti muito, por que, pra gente muito importante, é o nosso papel, vem tudo ali no nosso livro. Igual esse parente Xavante falou, mostrou até fita que ele tem, livro, é isso que a gente tem que fazer, pra não esquecer a nossa língua. Pra gente perguntar pros mais velhos mesmo, pergunta pro mais velho, como é que é, como é que é pra gente ensinar, e grava e passa criança, pro aluno, pra gente ter mais força pra nossa aldeia. (...) Abertura da estrada, escrevi também, porque essa lá na minha aldeia foi difícil mesmo pra

mim. E nesse ano agora, como ontem meu primo Sérgio falou, que o cabo de eleição que abriu estrada, pra gente votar, mas a gente não vota. Estrada abriu agora, a partir desse ano que abriu, só porque tá chegando a eleição. Mas nós de lá, a gente não vota. Só por estrada nós vamos votar! Não, eu não vou votar não! E agora, depois que esta estrada foi abrido, lá aonde eu moro, na aldeia Araponga, melhorou um pouco mais pra gente, pra comunidade indígena guarani. Eu acho que ajudou muito também Ñanderu, que a gente chama Tupã, Ñanderu, Tupã ajuda nós. Ainda bem que eles ajudaram um pouco, porque a gente tem rezar também por nós. Nós temos casa de reza, que o nosso pajé reza. Por isso que até eu tô com vontade de falar pro parente aqui de Mato Grosso, de Dourados: tem que ser casa de reza mesmo pra dentro da nossa aldeia, pra gente ter mais força, rezar a nossa língua. Não a gente entrar muito crente, assim, não sei falar também por que eu não participo de igreja não-índia. Lá também já chegaram muitas vezes pastor com aquele gravata pedindo fazer oração na casa de reza, mas a gente não deixa, por que pra que a gente deixar aquele pastor rezar por nós, lá dentro da casa de reza. Por que a gente já tem, pastor nosso é guarani, é pajé que fica na aldeia. Então, por exemplo, eu não tô entendendo, também eu já vi, padre, pastor indo na aldeia, se é padre eu não entendo, por que a gente lá no Estado do Rio não aceita pastor, padre não-índio. Nós temos na casa de reza, nós temos pastor nosso, pra que ele pode rezá com nós. (...) Agora eu quero mostrar o livro que a gente fez lá no Estado do Rio, nas três aldeias, por que agora tá faltando três minutos pra encerrar. Esse livro foi feito em três aldeias no Estado do Rio, tem aí o tempo das crianças, tem o tempo da caça, tem o tempo de professor, professora, tempo das crianças, tem tempo de mulher, como era antigamente, tempo dos antigos, tempo das crianças. Esse aí foi feito fotografia, foi nós professor indígena guarani mesmo que foi tirando foto pra gente fazer o livro. (...) Aí tem tempo de pajé, tá fazendo oração, tempo do professor fazendo grupo, cantando violino, violão, na casa de reza. São essas que vou mostrar pra vocês, porque já chegou pra encerrar a minha palavra, então obrigado a vocês! Até a próxima.

Rosenildo Barbosa de Carvalho⁶

Eu gostaria de falar um pouco da pedagogia, do trabalho da aldeia Tey'i Kue Caarapó. Eu queria ter esse dom de fazer vocês chorar também, mas eu acho que não tenho, mas eu gostaria de fazer vocês rir um

⁶Guarani, Reserva de Caarapó-MS. Coordenador Pedagógico da escola Ñandejara.

pouquinho. A gente no magistério escreveu este livro de contos *Ñe'ç poty kuemi*, então eu gostaria de contar um conto daqui. É assim: *um dia caminhando no escuro. Esse é o conto do professor Valentim de Pirajuí. O homem tava caminhando e o homem era medroso. Era um homem, que nem se diz, as mulher, muito bundão de certo, muito medroso. Aí vinha vindo uma velhinha, ela tinha um dente só, e ela tava comendo aquele bolo, chipá, que às vezes fica o milho no meio do dente, ela tinha um milho [no dente] e falava assim: se eu achar eu te maceto, se eu achar eu te moio. Aí o cara falou: ôpa péra lá! O que que vem atrás de mim falando assim? Pegou, escondeu e ficou tremendo. Chegou até se mijar de medo. Mas não, era a velha que queria acertar o grão de milho pra poder moer com o dente. É só isso!*

Bom gente, eu gostaria de falar um pouco do trabalho da onde eu moro. A gente já ouviu um pouco da história, um pouco da vida do Kaiowá Guarani, o sofrimento que a gente passou, os nossos avós, os nossos antepassados sofreram. (...) Eu acho que eu não guardo rancor da sociedade não-índia. Mas assim, hoje a gente tá passando a mão pra vocês para que cada um de vocês ajude a gente a construir o nosso valor, que nos valorize bastante. Bom! Caarapó, devido o tempo do CIMI, da organização dos capitães, de reuniões, fóruns, encontros, apoio político, também, né. Eu estudei numa escola que a gente sofria bastante. Professor, maior castigo era ir dar aula pro índio. Era às vezes contra o prefeito que ganhou, às vezes era contra a política, então ele teria um castigo e o castigo era dar aula na aldeia. Hoje eu acho que os professores não-índios que dão aula na oitava série pra nós, não querem sair mais de lá. Não sei por que, se é por causa dos índios ou se é por causa do trabalho. Bom! Aí veio a Comissão dos Professores, sempre tem a organização de tá unindo e discutindo sobre educação, as lideranças, os caciques, os professores. Caarapó foi um dos que assumiu em 97 esse trabalho da escola diferenciada, da escola específica. Eu gostaria de dizer para vocês como é que tá indo até hoje, 2002, o andamento do trabalho nosso. Não só da escola, a gente fala da escola específica ou uma escola diferenciada, a gente acha que tá tudo legalizado, às vezes tá tudo [certo], não a gente tem um apoio político de Secretaria [de Educação do Município] que às vezes dá muito apoio pra gente, o pessoal aqui da UCDB conhece muito bem o trabalho da gente, mas a gente sabe aí que tem um bicho de sete cabeça que faz a lei, que muitas vezes a gente tá indo pra mesma desgraça que a gente ouviu, aí. Hoje não tem aquelas pessoas que pode tá fazendo da gente como um bobo, um palhaço, mas sim através das leis. Então, nós, professor índio, estamos qualificando, estamos estudando junto aí pra combater juntos, a gente ver o fala, o que vai colocar isso em ordem. Caarapó assumiu de 97 pra cá, a gente vem discutindo. Foi um pouco difícil começar uma escola diferenciada, por que a gente sabe o que é a

escola dos 500 anos, aí que a gente estudou, os nossos avós estudaram, praticamente mudou a cabeça da população indígena. Então, a gente vê que foi difícil a gente assumir o trabalho, mas com muita luta. Hoje eu falo pra qualquer etnia que tá presente: se a gente não tem o apoio de liderança, dos caciques a gente não consegue também fazer o trabalho. Tem que ser unido. A gente conseguiu fazer fóruns, reuniões, eventos pra conseguir a escola diferenciada. Certo que nós Guarani Kaiowá, a gente nunca resgatou a nossa língua, alguns resgatou, por exemplo, eu fui um dos que resgatei a minha língua. Porque praticamente meus pais não me ensinaram, por que não queria que eu fosse viver num mundo do vagabundo, dos preguiçosos. Então, eles tavam me ensinando a falar a língua portuguesa, eu achava que a língua portuguesa era a primeira língua minha. Aí, com idade de alfabetização eu voltei pra aldeia, mas assim mesmo eu consegui ainda a falar a língua guarani, escrever. Eu não sei dominar muito bem o português, hoje, falo um pouco. Hoje aqui, poderia tá comunicando melhor com vocês em guarani, mas vou fazer o possível de não estar arranhando. Bom! Caarapó, a gente vem trabalhando em parceria junto com os órgãos, junto com as pessoas que nos tá apoiando. Então, o trabalho da gente é diferenciado. Não tô dizendo diferenciado só no tradicional, a pedagogia indígena, ela construída de acordo com as necessidades da comunidade. A gente reflete, a gente conversa junto com as lideranças, com os caciques, dela é tirado o conteúdo, o tema global pra poder trabalhar em bimestre com os alunos. A gente trabalha com realidade. Eu vejo assim que eu tava ouvindo os outros colegas falando na Mesa, e desde o dia que eu cheguei, acho que a gente está começando a avançar, a gente tá começando ir ao rumo de outros 500, construindo outra educação. Por que esta educação dos 500 que passaram, não trouxe nada pra nós. Eu espero que a nossa formação tanto específica, tanto conhecendo a nossa realidade, a nossa história e conhecendo a de vocês, que não é índio, tanto a universidade pra nós hoje. Nós deveríamos se aprofundar melhor numa universidade, pra gente tá conhecendo melhor, ser antropólogo em guarani da minha área, ser historiador na minha área mesmo. Não que vou fechar no específico, mas sim que eu que vou conhecer as duas, se basear nos dois conhecimentos. Por exemplo, nós já somos da turma que terminou o magistério, estamos escrevendo a monografia e nós estamos pensando, por exemplo, eu saí do magistério específico agora e pra entrar numa universidade, eu acho que não vou tá preparado pra trabalhar com a minha comunidade. Esses dias pra trás, teve um parente meu que foi, a gente tava numa reunião, ele disse assim: que a escola indígena, a gente tem que discutir bem ela, que um dia ela, daqui quinze anos, a gente pode quebrar a cara lá na frente. Aí fico pensando assim: essa escola que

os 500 anos ofereceu pra nós, nunca ninguém discutiu. O professor vinha, colocava projetos e escolas, livros, o MEC mandava livro didático e os professores iam trabalhar. Ninguém falou nada. A gente foi muito valoroso, o Kaiowá Guarani, por que a gente não perdeu totalmente a língua. Eu vejo que tem parente que já perdeu a sua língua, o seu modo de viver, por que se adaptou demais naquilo que o Guarani falou ontem, do litoral: ele se aprofundou demais nos conhecimentos do não-índio e acabou deixando de lado. No último encontro que eu estive em Brasília eu fiquei muito feliz em conhecer outras etnias, mas ao mesmo tempo fiquei muito triste de ver meu patrício lá sem poder tá dividindo a dança, a língua, junto com o outro do seu lado, por exemplo, o Tupinambá. É muito triste você vê o índio se enturmando no outro e não achando a parte dele do seu lado. E nós dessa parte nós estamos rico, por que nós conseguimos manter essa língua. Então, Caarapó vem destacando um trabalho muito grande dentro da educação. Não só na escola, não só na visão pedagógica, mas a gente incluiu no currículo da escola tudo o que é de luta, que é de sofrimento da comunidade. Por exemplo, a gente vem pensando em alternativa para dentro da comunidade, mas a gente não pensa às vezes na legalização das terras. A população indígena vem aumentando e as terras vêm diminuindo. Muitas vezes, a gente precisa de requerer a nossa terra, que era de um nosso antepassado, a gente ficava olhando a história que a Valdelice acabou de falar pra nós. Então eu penso assim: a escola deve trabalhar isso como conteúdo da escola mesmo. Caarapó é um que a gente trabalha. A gente tem, por exemplo, hoje a Unidade Experimental, que é um trabalho que o aluno faz, estudar e ver, o nosso objetivo na Unidade Experimental não é que o índio, ele tem que, por exemplo, ontem eu ouvi aqui, tudo que o índio fazia de primeiro era o serviço de pescar, de caçar, era o trabalho. Hoje nós sabemos que nós temos que partir de outra realidade. Se eu for pescar e caçar, onde vou caçar? Vou ter que ir na fazenda não sei de quem, aí eu sou ameaçado de levar um tiro, sou ameaçado a levar uma surra. Por exemplo, a escola que nós estamos trabalhando na Unidade Experimental, o objetivo nosso é que da terra mãe, a criança produza, que ela tenha a produção da terra, que ela plante, que ela saiba que um dia ela vai ter uma família e que daquela terra ela vai ter que tirar o sustento para ela. Então, o nosso objetivo é esse. Porque a escola dos 500 anos, o que ensinou pra nós? Nada! Apenas desistir da escola, ir pra usinas, o que mais: enforcar, tomar veneno, fazer aquilo, aquilo. E depois, no final de tudo, quem que era o vagabundo, quem que era o sem-vergonha? Era nós! Tem terra e não trabalha. Então isso não resolveu o nosso problema, só apenas nos dividiu. Eu acho assim, que hoje, a nossa escola diferenciada, a escola que a gente vem trabalhando, ela tá dando resultado. Nós estamos

com seis anos de trabalho, a gente tem aluno nosso da escola que hoje trabalha junto com a gente e tem uma visão muito crítica, tem uma visão criativa. E a gente vê assim que os nossos pais, os nossos antepassados não tinham essa visão. Eles dependiam do branco, eles dependiam de uma escola, quando tinha professor branco. Aquilo que o professor falava, aquilo era valor pra ele. Então eu vejo que hoje essa escola que a gente vem construindo junto, daqui 10, 15 anos, eu acho nós não vamos quebrar a cara sozinho. Acho que vai quebrar a universidade, se quebrar alguma coisa junto, mas a gente vai concertar de acordo com que a gente vem vendo da nossa realidade. Eu fico muito contente de tá hoje tendo está oportunidade de falar. O trabalho que a gente vem fazendo nas nossas áreas é muito riquíssimo, essa troca de experiência, tanto pro os universitários vê o trabalho da gente. Como é que a gente tá se organizando e discutindo, dentro das nossas comunidades, também. Eu vejo assim: hoje a gente envolve a liderança, a comunidade, os pais no currículo da escola, que eles devem participar. Antigamente não tinha isso, era só os professores que põe o conteúdo para os alunos. Hoje, eu vejo, os nossos antepassado, não tem nenhum professor, que hoje divide uma universidade e tal, uma faculdade que tá formado. Eu penso que hoje, a gente já tem uma turma muito grande que tá discutindo o ensino superior ou tá tendo uma visão pra escola indígena. E vocês como, eu sempre digo, as pessoas que lutam pela questão indígena são os batalhões que defendem a causa indígena. E a gente agradece muito por isso. Eu acho que vocês não estariam sentados aqui ouvindo hoje a gente falar da nossa educação, da nossa pedagogia, da nossa luta. Eu acho que vocês têm um interesse muito grande de tá aqui hoje partilhando com a gente. O papelzinho tá rolando eu acho que terminou. Bom, no magistério, que eu acabei de falar, a gente produziu um material, esse material que eu acabei de falar pra vocês que é o *Ñe'ç poty kuemi* e ele é trabalhado com primeira a quarta série. Então a gente fez esse livro de contos. Ele não é um livro traduzido em português, igual eu vejo, eu gostaria de falar, não puxar o tapete de algum escritor de livro, mas que cada um que você trabalha na comunidade, que você faz produzir aquilo que eu vi o parente guarani fazendo. Eu acho que cada um de nós temos, como é que eu falo, assim: eu sei escrever a minha história, eu sei colocar no papel aquilo que eu sinto, não precisa alguém vim colocar um termo pra mim escrever. E muitas vezes eu vejo que algum tem uma visão de fica traduzindo o livro em português. Eu gostaria que essa pessoa traduzisse aquele livro *Caminho Suave* em guarani pra ver se ficava melhor. Eu sou alfabetizado com aquele livro *Caminho Suave*, eu não me esqueço até hoje. Pois é gente, então, eu fico muito contente de tá participando hoje aqui com vocês. Acho é que pouco tempo, é muito pouquinho pra gente tá falando do

trabalho que a gente vem fazendo na aldeia Caarapó. (...) Eu acho que é um trabalho que a gente vem desenvolvendo muito grande depois de 97 pra cá, e eu espero que a gente avance mais ainda. Eu espero assim que seja de valor, não pra mim, mas sim pros meus filhos, mas pros meus netos que vão crescendo. Eu queria deixar aqui pra vocês uma pergunta no ar: vocês que estão mais perto da gente, discutindo e tudo mais, que passe essa mensagem para os outros, que nós temos a nossa educação e que ela seja respeitada pelo nosso meio, que não seja discriminada. Muito obrigado!

Teodora de Souza⁷

Eu gostaria de em menos de cinco minutos colocar um pouco do trabalho que eu venho fazendo quanto o membro da Comissão de Professores. Quando se fala em educação, não é especificamente sobre o trabalho pedagógico que eu vou falar, mas quando se fala em educação, eu acredito que a qualidade da educação, o avanço, o desenvolvimento da educação, em qualquer espaço escolar não está desvinculado dos movimentos de professores, principalmente professores indígenas. A discussão na Reserva Indígena de Dourados é bastante nova. Desde 88 já existiam, até anteriormente, outros movimentos indígenas que reivindicavam a educação escolar indígena, juntamente com os órgãos não-governamentais ou pesquisadores que trabalham na questão indígena. Mas eu particularmente passei a integrar o grupo de professores indígenas em 97. Então, a partir daí junto com outros professores Guarani Kaiowá, a gente começou na verdade fazer enfrentamento mesmo, de reivindicar, de discutir a educação escolar indígena, mas isso não foi fácil. Os integrantes são os professores indígenas Guarani Kaiowá de vários municípios, que têm as comunidades indígenas. E cada um leva essa discussão para a reserva. Às vezes mal a gente conseguia fazer discussão na escola que eu trabalhava até 2000, que é a escola Tengatui. Por que era muito difícil você falar da educação escolar indígena antes da pessoa entender o que vem a ser isso. Então isso atrapalha um pouco também, o não conhecimento a não informação sobre a questão. Mas a gente sempre continuou desenvolvendo esse trabalho, discutindo e devagar a gente foi conseguindo parceiros, companheiros que defende a educação escolar indígena. E hoje, acredito que até mesmo na Reserva de Dourados a gente tem já vários companheiros que defende a educação escolar indígena de qualidade,

⁷ Guarani, Reserva de Dourados-MS. Pedagoga/UFMS. Gestora de educação escolar indígena na Secretaria Municipal de Educação de Dourados.

que de fato venha ao encontro com a necessidade da comunidade. Mas quando se fala em necessidade da comunidade não dá pra gente esquecer e deixar de considerar os problemas que a comunidade vive. Como a Reserva de Dourados, por exemplo, nós temos muitos problemas de alcoolismo, de drogas, de violência sexual, desnutrição, falta de moradia. Tudo isso são problemas e quando a gente fala que a educação tem que vim ao encontro pra resolver ou amenizar estas questões, eu acredito que a gente só pode fazer esse trabalho de fato, fazer uma mudança, uma transformação, através da educação. Eu gostaria, nesse sentido, falar um pouco, reforçar o que o professor Rosenildo acabou de colocar: a gente não consegue avançar neste trabalho se nós não tivermos uma união entre professores, lideranças, caciques, pessoal da FUNAI e outros que contribuam com a gente nesta discussão. Mas seria também ingenuidade da minha parte se eu disser que os indígenas foram bastante influenciados pelos não-indígenas em vários aspectos: na ganância, por exemplo, na questão de ter poder, de ter cargo. Então, quando se fala em discutir uma educação de qualidade, muitas vezes, a gente esbarra nessa questão. Isso acontece não só nas comunidades indígenas, mas também não-indígenas. Então, é importante sim a união de todos nessa mesma discussão, pra tentar resolver os grandes problemas que vêm atingindo, não só a comunidade indígena, mas também as comunidades não-indígenas. Então, a educação pra que? Pra quem? Foi aquela pergunta que eu fiz anteriormente. Então, é necessário que todos nós estejamos unidos. E a gente não vai conseguir avançar se nós não tivermos esse trabalho coletivo. Então, eu vejo assim que em outras áreas já está bastante avançado, nós em Dourados ainda estamos engatinhando, digamos assim, uma educação que, de fato, venha corresponder às nossas necessidades. E eu acredito que nós vamos chegar até onde, no caso, os professores Xavantes, que já têm até livros publicados. Infelizmente nós ainda não temos, mas eu acredito que nós ainda vamos chegar lá.